

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Forantim

Class.: 582

Data Junho de 1985

Pg.:

O povo e os lobos

No final de abril, os meios missionários e indigenistas foram surpreendidos pela notícia do assassinato da Irmã Cleusa, coordenadora do sub-regional do Cimi em Lábrea, Amazonas. A violência do crime, revelada pelo exame cadavérico, mostrou que não foi apenas um ato de insanidade que se praticava contra uma pessoa indefesa; tudo indicava que o assassino, embora índio, estaria a soldo dos castanheiros da região. Amigos que conheceram Irmã Cleusa atuando na região testemunham o carinho que lhe devotavam aquelas famílias de índios Apurinã, que logo se deixaram cativar pela maneira simples e discreta daquela religiosa, que freqüentemente as visitava.

Se Irmã Cleusa não estivesse ligada às instituições, com sua congregação religiosa e o próprio Cimi, sua morte seria apenas mais uma, somada àquelas 116 ocorridas neste ano passado, somente na zona rural. Quantos índios e posseiros perderam sua vida, nesta guerra disfarçada, sem que a História pudesse registrar seus nomes e explicar a causa de seu desaparecimento?

Para que estes massacres de índios e lavradores não mais acontecessem, não apenas em nosso País, mas em toda a América Latina, a Igreja saiu, há alguns anos, de sua suspeitosa aliança com o poder estabelecido e começou a reencontrar as pegadas de seu fundador. Os assassinatos não diminuíram, mas vieram à luz. E a estatística dos crimes foi engrossada com mortes dos próprios agentes pastoraes.

Essa nova realidade confundiu não só os analistas de esquerda que costumavam a encarar a religião como "ópio do povo", mas também os estrategistas de direita que consideravam a Igreja sua "aliada natural" na política de dominação. Tais foram as consequências desta atual prática cristã, que o próprio Pentágono apontou os religiosos norte-americanos que regressavam da América Latina, como um "problema de segurança nacional", visto o papel desestabilizador que vêm exercendo na Igreja e na sociedade estadunidense.

Nesta linha de compromisso e solidariedade com os pequenos, reuniram-se em São Paulo, este mês de maio, quase 50 missionários de 13 países do Continente, que trabalham com populações nativas, para um curso que se propôs revisar a prática missionária, à luz de uma nova visão da história e da cultura destes povos. Embora com atraso, mas com muita lucidez e coragem, a Igreja latino-americana vem se engajando com uma nova postura pastoral. Reconhecendo a falta de preparação específica de seus missionários, que levaram uma

cultura ocidental "impedindo que a Boa Nova se encarne nos povos indígenas, destruindo inclusive a cosmovisão de muitos povos", reafirmam que a religiosidade indígena é "suficiente para criar um espaço a ser um meio eficaz de evangelização". Isto supõe, é claro, que os missionários conheçam realmente não só a religião, os mitos, as tradições de cada povo, mas também sua teologia. Felizmente estamos nos distanciando daquela visão que considerava os povos indígenas "pagãos" e objetos de uma pastoral integracionista.

Sacudida pelo Espírito e questionada pela realidade, a Igreja viu que não poderia pactuar com este **etnocídio**, quando não **genocídio**, que estava ocorrendo em nosso Continente. Ai está a origem do Cimi e de tantos outros organismos latino-americanos, presentes neste curso em São Paulo. "Finalmente a Igreja está onde sempre deveria ter estado com o povo e cercada de lobos", afirmou um dia o Padre Delnoux, de El Salvador. E, por ter ficado ao lado deste povo e não do lado dos lobos, outros dois religiosos — Leonardo e Clodovis Boff — tiveram não sua vida física interrompida, como Irmã Cleusa, mas sua vida intelectual cerceada. Chocados e inconformados, muitos organismos e personalidades, em nosso País e no exterior, manifestaram que aquela medida estava atingindo não só a pessoa dos dois teólogos, mas a caminhada de toda a Igreja no Brasil, em sua opção pelos pobres.

Certamente esta postura comprometida com o pequeno desgostou não apenas os senhores da Europa, mas também os estrategistas da América, pois já não estavam encontrando um povo dócil para seus esquemas colonizadores. Os frutos desta nova Igreja não são, certamente, os mesmos alcançados pelo Padre Peyton, na década de 60, com o "rosário em família", ou pelas mistificações eletrônicas de um Rex Humbard ou ainda pela alienação de grupos carismáticos que tanto exploram a fé simples do povo.

Infelizmente, a Congregação para a Doutrina da Fé preferiu ficar mais do lado dos lobos que do lado dos pobres. Mas acreditamos que a **Teologia da Libertação** não deverá esvaziar-se com as censuras oficiais, pois, antes de ir para os livros, ela foi e continua sendo escrita com o sangue de muita gente. Que o testemunho de um Pe. Henrique Pereira Neto, Pe. Rodolfo Lunkenbein, Dom Oscar Romero, Santo Dias, Irmã Cleusa, e tantos outros, não deixe a Igreja se amedrontar com o uivo dos lobos, afastando-se do povo.

BENEDITO PRÉZIA